

Flavia Aguilera**Sorocaba, 1987**

Artista visual, professora, tem seu trabalho voltado à memória popular e não oficial, junto ao Centro de Memória Operária de Sorocaba pesquisa desde 2015 uma história pouco conhecida de trabalhadorxs da região. Desenho, pintura e escultura são as linguagens predominantes de seu trabalho pictórico, que se combina com práticas de pesquisa, escrita, cartografia e oficinas de modelo vivo em diferentes instituições e espaços independentes da cidade.

Também integra a gestão da Mofa Galeria que trabalha com o fomento e empoderamento de artistas da cidade e região, e atua na criação e fomento de eventos independentes junto a outros artistas como a Feira Livre de Artes Beco do Inferno e Curva-feira de Arte e impressos.

O interesse sobre as operárias surgiu de um desdobramento do trabalho sobre a Julieta Chaves, menina estuprada assassinada em 1899 aos 7 anos de idade, ficou conhecida como a “santinha de Sorocaba” e segundo a memória oral realizou vários milagres. Pesquisando em jornais e documentos da época Flavia começa a entrar em contato com a história como alimento para sua produção, percebe que sem o rigor acadêmico o artista pode caminhar por diversas formas de pesquisa, desde a busca de documentos em cartórios e fóruns até uma consulta psicográfica de um parente do pesquisado como aconteceu com Julieta. As fontes são escassas e se esgotam a cada dia, por isso o trabalho é minucioso e urgente. Este trabalho foi desenvolvido durante o Ateliê em Poéticas Visuais com o curador Josué Mattos, onde participou entre 2013 e 2014 no Sesc Sorocaba que resultou nos eventos intitulados "Encontros com Julieta" onde são expostos e experienciados o processo da pesquisa em março de 2015. Em 2016 lança junto ao historiador Carlos Carvalho cavalheiro a biografia de Julieta

intitulada de Julieta Chaves: "A santinha de Sorocaba". Ao consultar imagens da época de Julieta, Flavia se depara com uma foto de um grupo gigantesco de operários e principalmente operárias de 1896, esta foto a impressiona e faz com que busque mais informações sobre aquelas mulheres, aliás Sorocaba é uma cidade operária, sendo conhecida por um período de tempo como "Moscou paulista, pela intensidade de sua luta de classes, e quantidade de militantes anarquista e comunistas. Quase todos aqui ou são filhos dos operários ou são da casta burguesa, os famosos sobrenomes...Foi então que mais uma vez entrou em contato com o trabalho do historiador Carlos Carvalho Cavalheiro através de seus livros Memória Operária, Salvadora Lopes e um folheto de 1998 intitulado: A greve de 1917 e as eleições municipais de 1947 em Sorocaba_ Pela criação de um centro de estudo do operariado, foi então que juntos decidiram retomar a ideia deste centro de estudos tão necessário para guardar e registrar e facilitar o caminho de quem quiser saber sobre toda a luta que usufruímos e desdenhamos hoje e que ontem foi conquistada às duras penas por nossos antepassados.



Foto do operariado da Fábrica Fonseca ou Nossa Senhora da Ponte em 1896, acervo da Biblioteca Infantil de Sorocaba.

O trabalho que deu início partiu justamente dessa foto da fábrica: reprodução em tamanho natural das operárias e que foram coladas como lambe-lambe na região onde ficava a vila operária, propondo uma reflexão sobre a memória destas operárias.



Colagem da pintura de uma operária da fábrica Nossa Senhora da Ponte, feita por Flávia Aguilera, colada no viaduto Jânio Quadros, Centro de Sorocaba, em 2015. Foto: Emídio Marques.



Colagem da pintura de uma operária feita por Flávia Aguilera, colada no viaduto da rua Hermelino Matarazzo, Centro de Sorocaba, em 2018.

O caminho do trabalho foi buscando alicerces históricos de fonte direta como o fac similar do jornal O Operário que circulou em Sorocaba de 1909 á 1913, com denúncias e textos da própria classe, muitas vezes anônimos. Estes textos e informações do jornal foram um grande alimento, Flavia, Carlos começaram a participar das feiras como CMOS- centro de memória Operária de Sorocaba, com uma banca de livros, zines, imagens e distribuição gratuita dos textos transcritos tão atuais de O Operário, além da captação do contato de quem se interessa no projeto. Foram muitos trabalhos desenvolvidos durante a infundável pesquisa sobre o operariado a fim de enriquecer a iconografia sobre nossa classe, tentando preencher lacunas e trazer á vista esta história tão presente e ao mesmo tempo não discutida.



Carimbos feitos na borracha escolar com estilete, a partir de fotos das operárias e arquitetura da fábrica Sto António, 2018



Carimbo sobre papel canson



Carimbo sobre parede do Centro de Sorocaba, com ranhura de pedra.

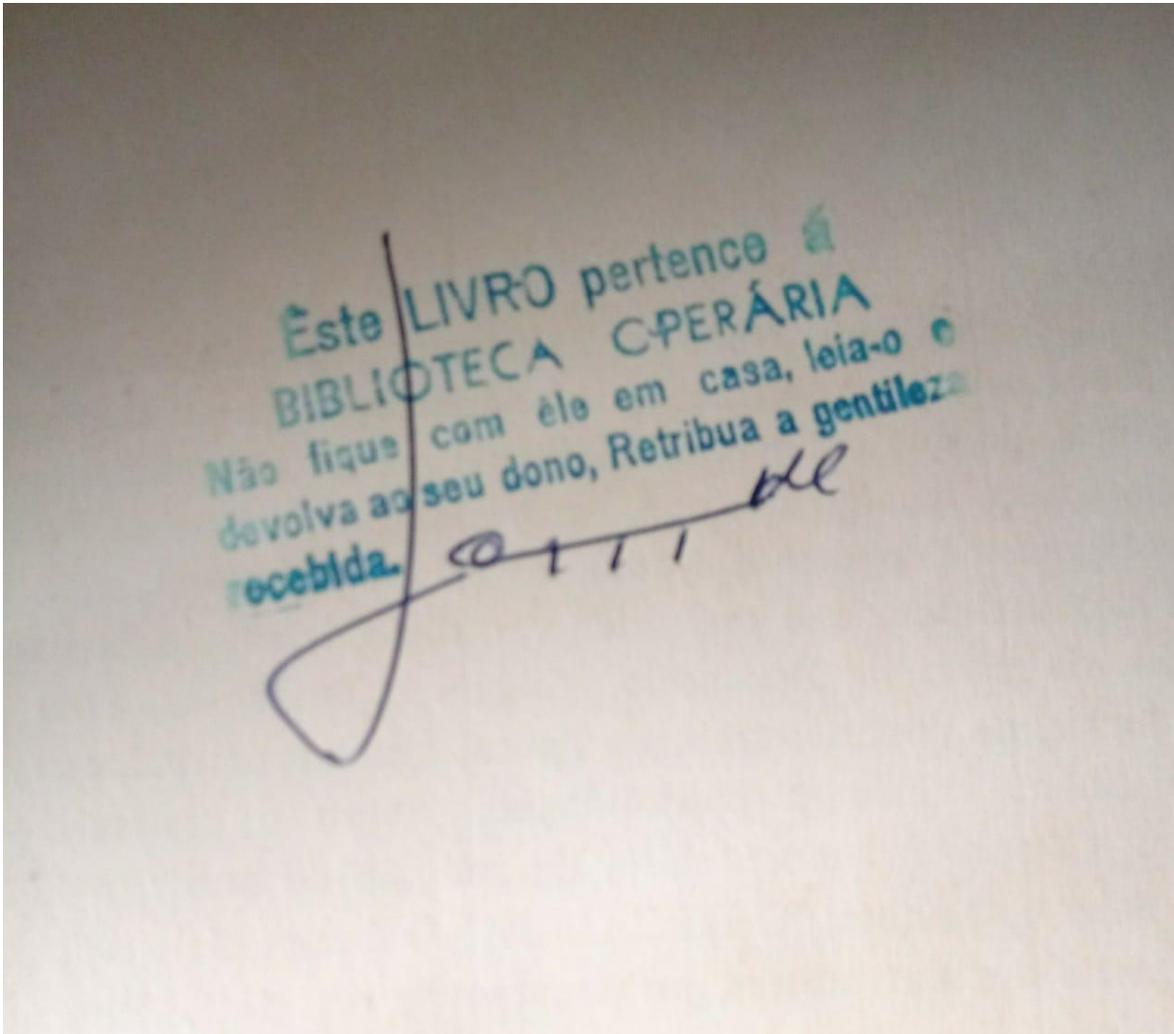


Imagem do carimbo da biblioteca operária e assinatura do fundador Bernardino Gomide

Livro pertencente à Biblioteca Operária de Sorocaba, com carimbo e assinatura de seu fundador Bernardino Gomide Bueno, ferroviário, socialista e espírita. A Biblioteca operária teve seu início em 1945 e acabou nos anos 70, grande parte do seu acervo passou para a formação da Biblioteca Municipal de Sorocaba, que hoje está instalada no Paço Municipal e ironicamente leva o nome de um industrial Jorge Guilherme Senger.

Recentemente Flávia e CMOS realizaram uma exposição, a Livro de Registro no Sesc Sorocaba, com curadoria de Ana Maria Maia, onde fazem um recorte da memória coletiva e individual da classe operária de Sorocaba e Votorantim, entre pinturas de retratos de operárias anônimas e de três pessoas que Flavia colheu depoimento e acervo de imagens, são elas dona Aurea Bruson, operária desde os 14 anos da Fábrica de Tecidos Sta Rosália, hoje

aposentada com 84 anos, ainda mora no bairro onde era a vila operária, José Antunes, 84 anos (Zé Capela) ferroviário a maior arte da vida, também trabalhou em sua adolescência em fábrica de tecido e Salvadora Lopes, operária, militante, sindicalista, sendo a primeira mulher vereadora eleita em Sorocaba, tendo seu mandato caçado junto à sua chapa de operários nas eleições de 1948, morreu em 2006, e teve sua história escrita por Carlos C Cavalheiro em 2001, onde gravou o áudio de alguns depoimentos que foram editados e usados na exposição, junto aos de Aurea e José.



Páginas com aspecto reproduzido do Livro de Registro da fábrica Votorantim, com fotos de operários e operarias anônimas com seus números. Flavia inseriu em alguns espaços trabalhadora(s) de outras fábricas e também alguns atuais.



Foto de André Pinto

"Páginas e páginas ocupadas por centenas de retratos de trabalhadorxs. Suas identidades permanecem anônimas, pois em lugar de nomes são apresentados por números. O livro de registro da Fábrica Votorantim contempla um recorte vasto do operariado de Sorocaba e região no início do século XX, período de apogeu desta e de outras indústrias locais.

Mantido em domínio privado desde então, o documento leva a pensar sobre a escassez de narrativas públicas que contem esse passado contrariando os pontos de vista hegemônicos e seus jogos persistentes de exploração e invisibilidade. Os rostos foram historicamente encaixados dentro das estruturas (o cadastro, a jornada, o trabalho assalariado, a multidão), mas aqui o exercício proposto é também poder imaginar sua individualidade resistente e soberana." (MAIA, Ana Maria, 2018, texto curatorial da exposição Livro de Registro, SESC Sorocaba)



Ao fundo mural desenhado diretamente na parede do Sesc com carvão e giz pastel seco, onde ilustra o slogan da campanha da chapa de operários do ferroviário Alonso Gomes onde Salvadora foi candidata eleita, porém não podendo exercer o cargo por perseguição política ao partido.



Nestas duas pinturas, uma em lona e outra em papel, ambas feitas com extrato de noqueira tem o título "Apagamento", que demonstra o apagamento tanto da memória operária quanto no destrato dos arquivos pesquisados.



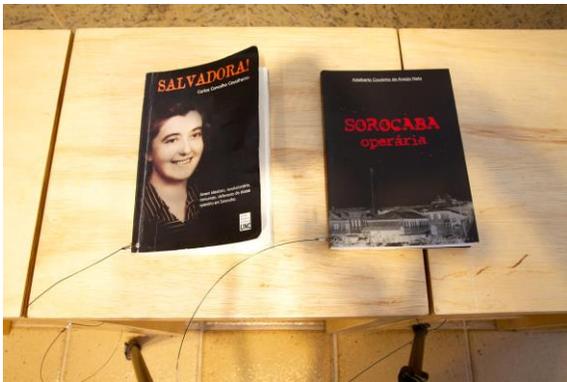
José Antunes, ferroviário da Estrada de Ferro Sorocabana, pinturas de acrílica sobre lona, ambas de 50X90 e um tijolo da EFS. Foto: André Pinto



Aurea, tecelã da Fábrica Sta Rosália, acrílica sobre lona, 80X70



Livros importantes ao CMOS foram expostos para a consulta. Fotos de André Pinto





Retrato de Salvadorina Lopes, Acrílico sobre lona 3X1,50cm

A exposição também contou com algumas atividades integradas, como três sessões de desenho com modelo vivo, onde em cada sessão uma pessoa da classe trabalhadora conta sua história e é retratada através do desenho dos participantes, e um bate papo sobre a memória Operária de Sorocaba e região com a presença do historiador Carlos Carvalho Cavaleiro e a cineasta Lilian Solá Santiago trazendo seu curta e sua pesquisa sobre o operariado negro de Salto, também participaram ex operárias da fábrica Votorantim, estudantes e interessados em geral.